

Teaching Geography

Phil Gersmehl 2nd edition. New York: Guilford Press, 2008.

Prof. MSc Ronaldo Goulart Duarte

Poucas vezes um livro com título tão singelo poderá ser tão surpreendente quanto *Teaching Geography* (Ensinando Geografia), escrito pelo norte-americano Phil Gersmehl. A publicação combina amplitude temática com profundidade teórica, epistemologia geográfica com vanguardismo teórico-metodológico, rigor acadêmico com prática docente de alta qualidade.

Ao mesmo tempo, o título não poderia ser mais adequado, pois se trata de obra integralmente comprometida com o ensino da disciplina, do prefácio ao CD-ROM encartado no volume. Aliás, já no prefácio, escrito por Michael Solem (Diretor de Assuntos Educacionais da Associação de Geógrafos Americanos), encontramos a afirmação de que estamos lendo o único livro disponível nos Estados Unidos no qual se abordou a importância do pensamento espacial para o ensino de Geografia, vinculado ao desenvolvimento profissional dos professores da área. Isso, é bom sublinhar, com profundidade e fundamento na literatura científica. É nessa interface entre Geografia Acadêmica, Ensino de Geografia e Pensamento Espacial que está o núcleo de originalidade da contribuição de Phil Gersmehl.

O livro é o resultado de uma vida dedicada ao tripé nomeado ao final do parágrafo precedente. O autor já foi professor de diversas universidades norte-americanas, estando agora vinculado à Central Michigan University. No momento é co-diretor do Centro de Aprendizagem de Geografia de Nova York, vinculado ao Departamento de Geografia da Hunter College, City University of New York. Já prestou serviços de assessoria para as “Alianças Geográficas”¹ de mais da metade dos estados norte-americanos, além de ter ministrado cursos para professores em países como Canadá, Japão, Inglaterra e Rússia. Foi um dos revisores de conteúdo da segunda edição dos Padrões Nacionais de Geografia (*National Geography Standards*), documento que é a referência curricular da disciplina nos Estados Unidos, lançado em 2012. Trata-se, reconhecidamente entre os seus pares, de um dos maiores nomes da Educação Geográfica daquele país.

Especificamente no campo do pensamento espacial (*Spatial Thinking*) aplicado à Geografia, Phil Gersmehl é, indiscutivelmente, a maior referência estadunidense. O autor já leu milhares de trabalhos da neurociência sobre o pensamento espacial e, para além de sua *magnum opus* aqui analisada, publicou diversos artigos a respeito dos vínculos dessa temática com o ensino (da educação infantil até o nível superior). Foi também coautor do

1 Rede de associações estaduais para promover o ensino de Geografia, criadas na década de 1980 e vinculadas à Sociedade Geográfica Nacional (*National Geographic Society*).

“Guia Popular do Pensamento Espacial”, editado pelo centenário Conselho Nacional para a Educação Geográfica dos Estados Unidos (*National Council for Geographic Education-NCGE*).

Toda essa densidade biográfica encontra a sua expressão no texto de *Teaching Geography*, com o bônus de que o escritor é dono de um estilo literário claro, descomplicado e bem humorado o que resulta em prosa absolutamente agradável. Esse perfil do redator, associado à frequente contextualização das abordagens teóricas e aos onipresentes nexos com a sala de aula, tornam a leitura da obra extremamente prazerosa e instigante.

No início da publicação somos apresentados à concepção do autor acerca da Educação Geográfica. Para ele a Geografia lida com a questão de onde as coisas estão, porque elas estão localizadas ali e que diferença faz essa localização. Essa descrição, ao mesmo tempo simples e abrangente, permeia todo o livro. O foco na espacialidade dos fenômenos é um compromisso inegociável do ensino de Geografia que está subjacente ao conjunto da articulada proposta de Gersmehl. “Um geógrafo pode pegar emprestado conhecimento de outras disciplinas, mas o foco será sempre a localização das coisas, as condições dos lugares e as conexões entre lugares”, afirma na página 7. Não é de se espantar, por exemplo, que o autor dedique três páginas para discutir a importância da “palavrinha onde” e que os mapas sejam uma peça-chave da sua metodologia de ensino. Para o pesquisador estadunidense o mapa é “uma das mais poderosas ferramentas analíticas da Geografia” (p. 42).

Ao longo do livro, Phil Gersmehl constrói diversas metáforas que serão úteis ferramentas para, simultaneamente, dotar suas propostas de arcabouço teórico e de viabilidade prática. Um bom exemplo é a metáfora da tesoura. Fugindo da velha dicotomia entre a abordagem regional e a abordagem sistemática o professor propõe a articulação entre essas duas lâminas geográficas para elucidar a espacialidade dos fenômenos. Tudo isso amplamente ilustrado por grande número de exemplos de atividades e materiais didáticos presentes no livro e no CD-ROM do encarte.

Outra metáfora importante é a da corda de três cordões (*Three-Strand Rope*), através da qual ele desenvolve o seu modelo integrado de Educação Geográfica, onde cada “cordão” ou eixo é inseparável do outro: imagens (fatos); análises (teorias); avaliações (concepções). Nesse capítulo o autor explicita alguns nexos entre a neurociência e o ensino.

O primeiro “cordão” abrange o aparentemente simples, mas na verdade complexo, processo de associar nomes a lugares/paisagens/fisionomias espaciais e a sua importância para o processo de ensino-aprendizagem. O segundo “cordão” abarca as teorias geográficas e o que Gersmehl denominou como teorias pessoais, expressão usada para discutir as peculiaridades locais que relativizam a capacidade heurística das teorias de grande escopo. Por fim, o terceiro “cordão” dessa “Corda da Educação Geográfica” lida com as concepções do sujeito do conhecimento

acerca dos fatos que está buscando compreender. Ainda que ele não faça menção a essa fundamentação teórica, o texto nos conecta ao conceito de representações sociais, de Serge Moscovici, cujos impactos sobre o processo de ensino-aprendizagem tem sido investigados no Brasil. Mas, é bom que se diga, Phil Gersmehl também está considerando em sua análise as concepções individuais e não apenas as que são compartilhadas coletivamente.

Outra metáfora muito interessante e relevante são os quatro pilares que constituem as ideias fundamentais da Geografia, na perspectiva do autor. Em mais um momento de bom humor do livro, Gersmehl abre esse capítulo recitando o “Credo Geográfico”, cujas “declarações de fé” reforçam o caráter espacial da análise científica da Geografia, pois “o foco na localização é o que faz de alguém um geógrafo” (p. 57). A partir disso somos apresentados aos quatro pilares da pesquisa geográfica: 1) Localização, envolvendo tanto o conceito de localização absoluta quanto o de localização relativa, ou, nas palavras do pesquisador, “Uma vez que você sabe a localização de alguma coisa, então você pode estudar o que está espacialmente relacionado a isso” (p. 59); 2) Situação, em perspectiva que se aproxima do conceito-chave de lugar, ou seja, “as condições em uma localização, as características, processos e ações humanas que tornam a localidade significativa” (p. 65); 3) Conexões, claramente vinculado (ainda que não enfatizado) ao conceito de rede, já que “cada localidade possui todo um conjunto de características que depende das suas conexões com outros lugares” (p. 74); 4) Região, palavra que é entendida como “um útil rótulo que resulta das divisões imaginárias que nos ajudam a dar sentido a um mundo complexo” (p. 80). Como ocorre ao longo de todo o livro, enquanto lemos sobre essa fundamentação teórica, somos inundados por exemplos práticos, materiais didáticos e exercícios presentes no CD-ROM e no próprio livro.

No capítulo 6 da obra encontramos o que pode ser seguramente avaliado como a maior contribuição do autor para o campo do Pensamento Espacial ou *Spatial Thinking*. Definir pensamento espacial e os conceitos correlatos é uma tarefa complexa. Um dos motivos para isso é o caráter relativamente recente desse campo de conhecimento. Ainda que a Psicologia estude as habilidades espaciais há muito tempo e que os testes psicométricos para aferi-las também sejam uma realidade há muitas décadas, os impactos das novas tecnologias da informação e as descobertas da neurociência abriram um universo de pesquisas muito mais complexo e interdisciplinar, que ficou genericamente conhecido como pensamento espacial, desenvolvido principalmente em países de língua inglesa, a partir dos anos de 1990. Ele envolve saberes como a Psicologia Cognitiva, a Matemática, a Geografia, a Engenharia, a Arquitetura, entre muitos outros. Na Educação Geográfica em particular, a análise da produção acadêmica sobre o assunto revela que as pesquisas também começaram na década de 1990, mas ganharam força na primeira década do século XXI.

A definição do pensamento espacial que é amplamente utilizada na comunidade científica que se dedica ao estudo é a que está presente em um volumoso trabalho interdisciplinar conduzido pelo Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos (National Research Council – NRC), cujo título completo é “Learning to think spatially: GIS as a support system in the K-12 curriculum”², publicado em 2006:

Pensamento espacial – um tipo de pensamento – é baseado na amálgama de três elementos: conceitos espaciais, ferramentas de representação e processos de raciocínio. É o conceito de espaço que faz do pensamento espacial uma forma particular de pensamento. (NRC, 2006, ix)

Nesse recorte temático, Phil Gersmehl desenvolveu o que provavelmente é a mais notória e relevante contribuição do seu livro, ou seja, a categorização das oito modalidades do pensamento espacial. São elas: comparação, aura, região, transição, hierarquia, analogia, padrões e associação. É importante reafirmar que essa classificação tem ampla fundamentação na robusta produção acadêmica da neurociência consultada pelo autor. Cada uma dessas modalidades do pensamento espacial foi estabelecida levando em consideração as áreas do cérebro em que ocorrem as operações cognitivas dessas diferentes habilidades espaciais.

Comparação envolve a habilidade de estabelecer em que medida os lugares são diferentes ou semelhantes o que, afirma o pesquisador, facilita as pessoas a aprenderem mais sobre a espacialidade. Aura remete ao conceito de área de influência, que os geógrafos associam imediatamente à teoria dos lugares centrais de Christaller. Contudo, a aura, na condição de categoria do pensamento espacial, não está absolutamente circunscrita à influência dos centros urbanos, mas refere-se à influência de qualquer elemento espacial sobre as áreas circunvizinhas. Região, sem maiores surpresas, está vinculada à habilidade de delimitar espaços com atributos semelhantes. Transição também é um conceito intuitivo e envolve a nossa capacidade de perceber as nuances de câmbio entre lugares. Hierarquia é outra habilidade que não pode ser restrita ao seu modelo urbano, ainda que esse seja um bom exemplo dessa modalidade de raciocínio. As analogias espaciais permitem que sejamos capazes de identificar lugares que têm posição relativa semelhante. O discernimento de padrões espaciais (agrupados, em anéis, em ondas, em faixas, etc.) é a porta de entrada para inúmeras possibilidades de análise espacial. A associação espacial nos habilita a vincular padrões espaciais similares a uma dada causalidade.

Para cada uma dessas oito modalidades do pensamento espacial Gersmehl faz um comentário sobre o que pode ser desenvolvido no âmbito dos currículos de Geografia em três níveis da escola básica cuja equi-

valência aproximada no Brasil seriam o primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º ano), o segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e o ensino médio. Sempre exemplificando com atividades pedagógicas diversificadas e muito interessantes.

Ainda no mesmo capítulo o pesquisador analisa as três grandes formas através das quais o cérebro organiza as informações espaço-temporais: a análise a respeito das mudanças nas características dos lugares; a análise da diacronia das localizações espaciais; a análise da diacronia da extensão dos fenômenos espaciais. Mais uma vez, essas três dimensões são contextualizadas para as realidades pedagógicas de cada um dos três níveis escolares discriminados no parágrafo anterior.

Há ainda duas outras temáticas importantes que estão presentes na parte final do livro, e que merecem menção nesta resenha. A primeira delas é sobre a avaliação. Gersmehl abre esse capítulo atacando a “Geografia de Almanaque” (*Geographical Trivia*), a ser definitivamente substituída por uma “Geografia Multifacetada” (*Multistranded Geography*), sendo esta capaz de trazer compreensão da espacialidade dos fenômenos. Para isso ele prescreve algo que não é novidade na Educação brasileira: elaborar objetivos educacionais baseados no comportamento esperado do aluno ao final do processo de aprendizagem. Esses objetivos são o primeiro passo para a elaboração de instrumentos de avaliação coerentes com a meta de desenvolver habilidades cognitivas no campo da análise espacial. O autor dedica algumas páginas à discussão dessa tarefa.

A última grande contribuição do livro, a nosso juízo, encerra mais uma metáfora, ainda que de difícil tradução: “O veículo com múltiplas rodas: Apoiando professores”³. Trata-se de um capítulo inteiro acerca da estrutura necessária para dar apoio ao professor de Geografia. As “rodas” desse veículo são: a formação inicial (*Pre-Service Training*), a formação continuada (*In-Service Training*), o estudo e reavaliação constante do currículo (*Curricular Position*) e os materiais pedagógicos (*Teaching Materials*).

No conjunto do livro são numerosas as transparências com atividades didáticas variadas, a absoluta maioria com o uso de mapas e gráficos e com os comentários sobre o seu uso didático vinculando o texto da obra com o cotidiano da sala de aula. O CD-ROM contém todas essas transparências (coloridas, ao invés das monocromáticas da versão impressa) e ainda textos diversos, apresentações em formato PowerPoint, animações, exercícios e muito mais.

O único aspecto que, na nossa avaliação, mereceria um pouco mais de atenção do autor da publicação, diz respeito ao número extremamente reduzido de referências bibliográficas presentes ao longo do texto e mesmo a modesta bibliografia apresentada ao final da obra. Para uma obra tão repleta de conteúdo teórico-metodológico e de materiais peda-

2 “Aprendendo a pensar espacialmente: Sistemas de Informação Geográfica como suporte para o currículo K-12”. Nos Estados Unidos, a expressão K-12 refere-se à ampla fase de escolarização pré-universitária que começa no jardim da infância, o kindergarten, e vai até o décimo segundo ano, que corresponde ao terceiro ano do ensino médio no Brasil. Corresponde, portanto, à nossa educação básica.

3 “A Multiwheeled Cart: Supporting Teachers” é o título do capítulo 8.

gógicos produzidos por um autor com riquíssima bagagem de leitura/vivência profissional, seria altamente desejável contar com uma seção com indicações bibliográficas comentadas, localizadas ao final de cada capítulo.

Em suma, trata-se de obra que valoriza ao extremo o profissionalismo do professor e que aponta caminhos sólidos para a qualificação da ação docente. É uma obra de referência fundamental para todos aqueles interessados na seara do ensino de Geografia. Dos licenciandos vivenciando a sua formação inicial até os mais experientes e competentes professores de Geografia, especialmente para aqueles que militam na pesquisa em ensino de Geografia.

No final de 2014 foi lançada a terceira edição de *Teaching Geography*, com pouquíssimas mudanças substantivas em relação à segunda edição, analisada nesta resenha. Basicamente, o autor passou a incorporar as imagens das transparências/atividades no corpo do texto do livro e não agrupadas ao final do mesmo, como na edição anterior. A redação da obra foi mantida praticamente inalterada, sendo a única diferença relevante a inclusão de um capítulo sobre mudanças curriculares na disciplina de Geografia nos Estados Unidos.

W

